



Cadernos NAUI

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Dossiê: Saberes tradicionais e Paradigma biocientífico: alianças e fricções

V 13 | n 25 | jul-dez 2024

Práticas de cura e vivências de jovens quilombolas: uma análise sob a perspectiva da antropologia da saúde

Francisco Welder Silva de Lima; James Ferreira Moura Junior



Edição eletrônica

URL: [NAUI - Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural \(ufsc.br\)](http://nau.ufsc.br)

ISSN: 2558 - 2448

Organização

Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC

Referência Bibliográfica

LIMA, Francisco Welder Silva de; MOURA JUNIOR, James Ferreira. Práticas de cura e vivências de jovens quilombolas: uma análise sob a perspectiva da antropologia da saúde. Cadernos Naui: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural, Florianópolis, v. 13, n. 25, p. 106-129, jul-dez 2024. Semestral.

© NAUI

Práticas de cura e vivências de jovens quilombolas: uma análise sob a perspectiva da antropologia da saúde

Francisco Welder Silva de Lima¹
James Ferreira Moura Junior²

Resumo

Este estudo analisa as práticas de cura adotadas pelos jovens quilombolas da comunidade Serra do Evaristo, buscando compreender como esses jovens enfrentam questões relacionadas à saúde, bem-estar e espiritualidade em seu cotidiano. A abordagem qualitativa foi empregada, utilizando observação participante, entrevistas e questionários para investigar suas percepções e práticas. A análise dos desenhos produzidos durante a oficina revelou locais significativos na comunidade, como a capela, os campos de futebol e a natureza em geral. Os jovens expressaram profunda ligação com a história e cultura quilombola, reconhecendo a luta de seu povo por direitos básicos. Demonstraram conhecimento e uso de plantas medicinais, preferindo recursos naturais para cuidar da saúde. A religiosidade e a fé desempenham papel fundamental em suas vidas, sendo recorrentes em momentos de dificuldade. Conclui-se que esses saberes tradicionais e a conexão com a natureza são elementos essenciais para o bem-estar e a saúde desses jovens quilombolas, evidenciando a necessidade de políticas públicas sensíveis às suas comunidades.

Palavras-Chave: saberes tradicionais; cultura; território; espiritualidade.

Prácticas de curación y experiencias de jóvenes quilombolas: un análisis desde la perspectiva de la antropología de la salud

Resumen

Este estudio analiza las prácticas de curación adoptadas por los jóvenes quilombolas de la comunidad Serra do Evaristo, buscando comprender cómo estos jóvenes enfrentan cuestiones relacionadas con la salud, el bienestar y la espiritualidad en su vida diaria. Se empleó un enfoque cualitativo, utilizando observación participante, entrevistas y cuestionarios para investigar sus percepciones y prácticas. El análisis de los dibujos producidos durante el taller reveló lugares

¹ Fiocruz. Bacharel em Antropologia e Bacharel em Administração Pública pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). Especialista em Gestão Empresarial, Gestão de Recursos Humanos e Gestão da Qualidade pela Faculdade Focus. Membro do grupo reaPODERE - Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências - Unilab/CE.

² Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor Adjunto do Instituto de Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

significativos en la comunidad, como la capilla, los campos de fútbol y la naturaleza en general. Los jóvenes expresaron una profunda conexión con la historia y la cultura quilombola, reconociendo la lucha de su pueblo por derechos básicos. Demostraron conocimiento y uso de plantas medicinales, prefiriendo recursos naturales para el cuidado de la salud. La religiosidad y la fe desempeñan un papel fundamental en sus vidas, siendo recurrentes en momentos de dificultad. Se concluye que estos saberes tradicionales y la conexión con la naturaleza son elementos esenciales para el bienestar y la salud de estos jóvenes quilombolas, evidenciando la necesidad de políticas públicas sensibles a sus comunidades.

Palabras clave: saberes tradicionales; cultura; territorio; espiritualidad.

Healing practices and experiences of quilombola youth: an analysis from the perspective of health anthropology

Abstract

This study examines the healing practices adopted by young quilombolas individuals from the Serra do Evaristo community, aiming to understand how these youth deal with issues related to health, well-being, and spirituality in their daily lives. A qualitative approach was employed, using participant observation, interviews, and questionnaires to investigate their perceptions and practices. The analysis of drawings produced during the workshop revealed significant locations in the community, such as the chapel, soccer fields, and nature in general. The youth expressed a deep connection to quilombola history and culture, acknowledging their people's struggle for basic rights. They demonstrated knowledge and use of medicinal plants, preferring natural resources for health care. Religiosity and faith play a fundamental role in their lives, being recurrent in moments of difficulty. It is concluded that these traditional knowledge and connection with nature are essential elements for the well-being and health of these young quilombola individuals, highlighting the need for public policies sensitive to their communities.

Keywords: traditional knowledge; culture; territory; spirituality.

Introdução

O processo histórico de formação das comunidades quilombolas é caracterizada pela discriminação e exclusão, e geralmente enfrenta uma realidade socioeconômica de relativo isolamento em relação ao conjunto da população brasileira (Correia et al., 2021). Esses impasses afetam as comunidades em sua totalidade, incluindo as crianças e jovens, que estão nesse processo de crescimento e amadurecimento, sobretudo no campo identitário. De acordo com Santos (2015, p. 95) “o termo quilombo era associado à organização criminosa, mas que reaparece como uma organização de direito, reivindicada pelos próprios quilombolas”. Mas ainda para o mestre Nego Bispo (2023, p. 45) “no dia em que os quilombos perderem medo das

favelas, que as favelas confiarem nos quilombos e se juntarem às aldeias, todos em confluências, o asfalto vai derreter!”.

Por meio de um estudo realizado com 181 crianças e jovens quilombolas, apresentando idades entre 4 e 18 anos, numa escola pública quilombola de Alagoas em 2018, é possível identificar fatores preocupantes no que tange a saúde mental, pois problemas de comportamentos, incluindo hiperatividade e pró-social, e problemas emocionais foram destaques nos resultados. De acordo com Correia *et al.* (2021) os dados revelam altas taxas de risco para transtornos mentais em crianças e adolescentes, atingindo até 82,3% em problemas de relacionamento. O ambiente escolar está associado ao mau desempenho acadêmico, comportamentos antissociais, e problemas emocionais que afetam diversos aspectos da vida.

Entretanto, é possível identificar a luta dos quilombolas no campo educacional, na busca por uma educação antirracista, decolonial e que valorize a sua cultura. Tendo como relatora Nilma Lino Gomes, foi criada a comissão de elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (2012) enfatizando que esta educação é realizada em escolas localizadas em territórios quilombolas, com uma abordagem pedagógica que respeita a singularidade étnico-cultural de cada comunidade, pois é fundamental reconhecer e valorizar a diversidade cultural na organização e funcionamento dessas instituições de ensino.

A Antropologia tornou-se um potencial aliado nesta luta. Segundo O’Dwyer (2010), a partir de 1994, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) iniciou uma compreensão mais abrangente dos quilombos e o seu processo de formação. O’Dwyer (2010) enfatiza que estes coletivos criaram práticas diárias de resistência para preservar e perpetuar seus estilos de vida distintos e na construção de um território singular. A identidade desses grupos não está ligada à quantidade ou dimensão de seus integrantes, mas sim à vivência e relatos compartilhados de sua história coletiva.

De acordo com o professor doutor Euler Siqueira (2007), a Antropologia é definida como “uma abordagem holística que considera aspectos culturais e biológicos do homem, destacando as interações entre o homem e seu ambiente, cultura e entre os indivíduos” (Siqueira, 2007, p. 17). Segundo o antropólogo Roberto DaMatta, em "Relativizando: uma introdução à Antropologia Social" (1987), “não se pode determinar um único marco para a origem da disciplina, pois ela vai além dos registros do que é considerado exótico para uma determinada sociedade” (DaMatta, 1987, p.86). Contudo, como um ramo das ciências sociais, a Antropologia abrange vários segmentos de estudo, destacando-se principalmente os biológicos, socioculturais e filosóficos.

Exemplos de cada uma dessas áreas são: a Antropologia Biológica, ligada aos estudos de fatores biológicos e físicos, como doença e saúde; a Antropologia Cultural, que reflete sobre fatores socioculturais, como costumes e tradições; e a Antropologia Filosófica, que questiona e reflete sobre a prática antropológica (Laplantine, 2003). De certa forma, os três segmentos se complementam e nunca estão totalmente isolados um do outro, procurando dar destaque a um determinado objeto em diferentes momentos.

Diante disso, o presente trabalho busca focar nos estudos que abrangem a Antropologia da Saúde, explorando seus aspectos físicos e mentais relacionados à Antropologia Cultural, quando se busca conhecer, compreender e registrar práticas de cura desenvolvidas por populações tradicionais presentes nos territórios que compõem o maciço de Baturité, no Ceará.

A realização deste trabalho se justifica pela necessidade premente de compreender e valorizar as práticas de cura adotadas por jovens quilombolas, considerando a riqueza cultural e a complexidade das relações entre saúde, cultura e bem-estar. A importância da pesquisa reside na escassez de estudos que abordem de maneira aprofundada as especificidades dessas comunidades, especialmente no que tange às estratégias de cuidado mental e físico.

Aliando-se a essa urgência de compreensão das práticas de cura, está a necessidade de dar voz aos jovens quilombolas, entendendo suas realidades de forma profunda e contextualizada. As comunidades quilombolas, marcadas por uma história de resistência, tradições culturais e relações de pertencimento à terra, frequentemente enfrentam desafios únicos no acesso à educação, saúde e desenvolvimento social.

Assim, a pesquisa busca contribuir para a ampliação do conhecimento sobre as dinâmicas que permeiam a vida desses jovens, permitindo uma análise sensível e aprofundada de suas vivências cotidianas, incluindo não apenas as questões de saúde, mas também as dimensões culturais que influenciam suas práticas de cura e bem-estar. Este estudo visa, portanto, não só entender as realidades desses jovens quilombolas, mas também valorizar suas práticas de cura como parte integral de suas vidas e comunidade, contribuindo para a promoção de políticas e programas mais eficazes e culturalmente sensíveis.

A presente pesquisa tem como objetivo geral investigar as práticas de cura utilizadas por jovens quilombolas que frequentam a educação básica na escola situada em seu território, por meio de um estudo etnográfico, visando compreender a relação entre essas práticas, a herança cultural e a saúde dessa comunidade. Com os objetivos específicos de compreender as práticas de cura adotadas pelos jovens quilombolas, explorando suas raízes culturais e sociais; analisar a interação entre cultura, saúde e bem-estar na vida cotidiana dos jovens; identificar as

estratégias de resistência e práticas de cura culturalmente enraizadas e ampliar o conhecimento sobre as realidades e necessidades dos jovens quilombolas.

Metodologia

Como destaca Gil (2008), a pesquisa tem como finalidade descobrir respostas aos problemas propostos com a utilização de procedimentos científicos. Neste viés, este estudo adota uma abordagem qualitativa, que, para Oliveira (2008, p. 41) trata-se de “uma análise minuciosa da realidade conduzida por meio de métodos e técnicas, buscando compreender o objeto de estudo em seu contexto histórico ou estrutural”. Este procedimento envolve revisão da literatura pertinente, observações, questionários, entrevistas e análise de dados, os quais devem ser apresentados de maneira descritiva.

Para Marconi e Lakatos (2010), esse método preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Ainda para Rodrigues (2006), a pesquisa qualitativa tem como objetivo descrever a complexidade de determinada hipótese ou problema experimentado por grupos sociais. Buscando uma visão geral dos aspectos pertencentes à antropologia da saúde e as práticas de cura que as populações tradicionais externam, fez-se necessário realizar uma pesquisa exploratória com o objetivo de esclarecer conceitos e ideias.

Os diferentes segmentos da Antropologia, seja ela física, biológica ou cultural, são respaldados por métodos e técnicas, portanto, o método adotado neste estudo é o etnográfico, consistindo em descrições sobre uma determinada sociedade/etnia e suas práticas. De acordo com Peirano (2014, p. 385), "a etnografia abala nossos estilos de vida e nossas ideias de existência; abala nossa crença moderna na referencialidade dos sentidos e impõe uma reflexão sobre a multiplicidade de modos de vida".

Após reuniões de planejamento e alinhamento das atividades que seriam desenvolvidas com os estudantes, chegou o momento de ir ao território, de conhecer as realidades vivenciadas e externadas por esses jovens. Portanto, cheguei à comunidade no dia 05 de outubro pela manhã e retornei para casa no dia 06 de outubro de 2023 durante a noite, com isso dormindo na Serra, na casa de moradores. Salientamos que este não se trata de nosso primeiro contato com a comunidade, pois estivemos em momentos anteriores, precisamente no ano de 2022, desenvolvendo outras atividades no que tange a saúde mental da população quilombola em sua

totalidade. Portanto, este estudo é específico para tratar as práticas de cura vivenciadas pelos jovens quilombolas que estudam na escola local.

O Quilombo da Serra do Evaristo está situado no município de Baturité – Ceará, cerca de 90 km de distância da capital Fortaleza. A comunidade está numa região de difícil acesso, a 09 km da sede, na latitude 4.37579 e longitude 38.916504 e uma altitude de 535,83 m acima do nível do mar (Braga, 2021), como observado na figura 1.

Figura 1 – Visão espacial do território quilombola Serra do Evaristo, Baturité/CE



Fonte: google earth, 2024

Em fevereiro de 2010 a Fundação Palmares emite a certidão de autodefinição da comunidade remanescente de quilombo, com o cadastro geral nº 012, registro nº 1.264, fl. 79. Com aproximadamente 180 famílias, contabilizando 800 pessoas (Braga, 2021) ao adentrar no território e conviver pela comunidade observa-se que o principal meio de subsistência da população gira em torno do plantio, cultivo e comercialização da banana. Além disso, alguns equipamentos de uso coletivo são encontrados na comunidade, como a capela de Nossa Senhora da Conceição, o ponto de cultura, a palhoça, a sede da associação, uma unidade básica de saúde (UBS), o museu comunitário e a escola.

A instituição visitada foi a escola de ensino infantil e fundamental Osório Julião (figura 2) a única atuante na comunidade e que atende aos estudantes quilombolas. Para essa escola foi proposto e planejado algo diferente, o que tornou os processos e as convivências entre pesquisadores, alunos e moradores bem interessantes e proveitosos. A escola é de suma importância para a comunidade quilombola, pois apesar dos desafios das políticas públicas, investe em ensino, atividades e materiais que permitem às crianças explorar a história da comunidade quilombola da Serra do Evaristo e a historicidade da África. Esse enfoque contribui

significativamente para a construção da identidade das crianças a partir de suas raízes, com a comunidade desempenhando um papel fundamental nesse processo de formação da identidade social (Reis, 2018).

Figura 2 – Parte da escola onde as crianças brincam e uma das paisagens pela comunidade



Fonte: arquivo pessoal dos autores, 2023

Para melhor entendimento sobre o tema que se busca e com isso obter dados mais concretos e que refletem a realidade, os participantes da pesquisa seriam sempre as turmas de nível mais elevado presente na respectiva escola. Portanto, a escola EEIF Osório Julião da comunidade quilombola Serra do Evaristo atende somente o ensino fundamental, ou seja, trabalha com um público mais jovem. Dessa forma, as turmas trabalhadas foram: 6º, 7º, 8º e 9º ano, com idades entre 11 e 15 anos (figura 3). Responderam os questionários um total de 27 jovens, do qual 23 se declararam quilombolas e pretos/pardos. Entre esses jovens, onze disseram se identificar com a identidade mulher cisgênero, onze com a identidade homem cisgênero e uma como bigênero.

Figura 3 – Momento dinâmico e de descontração numa das turmas



Fonte: arquivo pessoal dos autores, 2023

Observa-se que a grande maioria é quilombola e se reconhece como tal, surgindo apenas alguns casos de alunos que passaram a morar na comunidade com suas famílias e, portanto, frequentam a escola ou ainda estudantes que moram em comunidades vizinhas, como Jordão e São Bento.

Por meio dos deslocamentos até ao território, e poder conviver e estar interagindo com os estudantes quilombolas, foi oportuno desenvolver a técnica de observação, esta que consiste no trabalho que o antropólogo possui de levar consigo toda sua bagagem de experiências pessoais e referencial teórico ao território para lidar em primeira pessoa com os objetivos da pesquisa. As condições de observação são o ambiente no qual um fenômeno social ocorre, seja ele natural ou artificial. Por outro lado, o sistema de conhecimento refere-se ao conjunto de conceitos, categorias e bases teóricas que sustentam a pesquisa (Reyna, 1997, *apud* Belei, 2008).

A técnica de observação é crucial pois revela ser uma abordagem rica e contextualizada para compreender experiências cotidianas, interações sociais e processos de aprendizado (Mónico, 2017). Ao adotar essa postura etnográfica, sucedeu-se uma imersão na comunidade quilombola, observando os jovens em suas atividades diárias, brincadeiras, rituais e relações. Através da observação participante, tornou-se possível capturar nuances significativas do modo de vida quilombola, contribuindo para uma apreciação mais holística e sensível das realidades enfrentadas por esses jovens.

Associada à observação, foi possível aplicar a técnica de entrevista junto aos estudantes da escola visitada. Esta técnica representa uma oportunidade prevista entre entrevistador e entrevistado, e com questões a serem debatidas. Ela pode ocorrer de forma estruturada – quando há um roteiro a ser seguido -, como também semiestruturada – quando há a liberdade de condição para a entrevista se desenvolver, sendo este último aplicado, trabalhando com rodas de conversas e debates (Batista; De Matos; Nascimento, 2017).

A aplicação da técnica de entrevista semiestruturada entre esses jovens quilombolas revelou-se como uma ferramenta valiosa para compreender suas percepções, experiências e narrativas dentro do seu contexto (Guazi, 2021). Esta abordagem metodológica propiciou que se conduzisse a conversa com perguntas abertas, possibilitando aos jovens expressarem suas visões de mundo, desafios enfrentados e aspirações para o futuro.

Além disso, como instrumento, optou-se pelo uso de gravadores de voz, precisamente smartphones e microfones lapelas, pois foi essencial para uma melhor análise e compreensão

dos dados, tendo em vista que “Patton (1990) e Rojas (1999) recomendam o uso do gravador para preservar o conteúdo original e melhorar a precisão dos dados coletados, registrando detalhes como palavras, silêncios e mudanças no tom de voz” (Patton, 1990, Rojas, 1999, *apud* Belei, 2008, p. 189).

Todavia, ainda para a obtenção de mais dados sobre as práticas de cura que os estudantes eventualmente utilizem, foi desenvolvido e aplicado um questionário. Esse consiste no preenchimento de questões pontuais dirigidas pelo pesquisador. De acordo com Gil (2008) o questionário é uma técnica de pesquisa que consiste em uma série de perguntas direcionadas às pessoas para obter informações sobre diversos aspectos como saberes, convicções, emoções, princípios, inclinações, previsões, objetivos, receios, conduta passada ou atual, entre outros. Geralmente, essas perguntas são apresentadas por escrito aos participantes, sendo então denominados questionários autoadministrados.

A aplicação da técnica de questionário entre jovens quilombolas ofereceu uma oportunidade valiosa para obter insights quantitativos sobre uma variedade de temas relevantes para suas vidas e comunidade. Este método estruturado de coleta de dados possibilitou a investigação de questões como acesso à educação, saúde, práticas culturais e perspectivas de futuro de uma forma abrangente e sistemática (Dos Santos, 2021).

Os questionários foram desenvolvidos para refletir as especificidades da vida quilombola, abordando questões de identidade étnica, experiências de discriminação, conexão com a terra ancestral, entre outros temas significativos. Através da análise dos dados coletados, é possível identificar padrões, lacunas e desafios enfrentados por esses jovens, fornecendo uma base sólida para o desenvolvimento de políticas e programas que atendam às suas necessidades e promovam o fortalecimento das comunidades quilombolas (Batista, 2021).

É importante destacar que a pesquisa foi submetida à análise e parecer do comitê de ética da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Além disso, ao iniciar o contato com as pessoas participantes, tendo em vista a faixa etária abarcar pessoas menores de 18 anos, foram disponibilizados: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para responsáveis e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para as/os participantes. Tais documentos orientam sobre os possíveis riscos presentes ao participar da pesquisa, como também evidenciam que, além de a participação ser voluntária, a qualquer momento o participante poderia se retirar da pesquisa sem prejuízo ou dano algum, observando as recomendações da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012).

Destarte, essas técnicas mencionadas então amparadas pelo diário de campo, que se revelou uma ferramenta essencial na pesquisa. Esta técnica permite o registro detalhado das observações, reflexões e interações, proporcionando uma visão aprofundada da vida cotidiana desses jovens e dos contextos em que estão inseridos (Da Silveira Kroef; Gavillon; Ramm, 2020). Ao adotar uma abordagem etnográfica, decorreu documentar não apenas eventos formais, como aulas e atividades escolares, mas também momentos informais, como brincadeiras, conversas entre os jovens e com membros da comunidade quilombola. Através do diário de campo, emerge um retrato multifacetado das relações sociais, práticas culturais, desafios e resiliências desses jovens, contribuindo para uma compreensão mais rica e contextualizada de suas realidades.

Resultados e discussão

Contextualização da antropologia da saúde

A Antropologia, inserida na grande área das ciências sociais, foi reconhecida como ciência durante o século XIX. Assim como outras ciências, a Antropologia investiga diversos aspectos da sociedade, tais como físicos, culturais, sociais, linguísticos, arqueológicos e etnológicos. Esta pesquisa, no entanto, concentrou-se no ramo da Antropologia da Saúde, uma área de estudo ainda pouco explorada no curso de bacharelado em Antropologia, apesar de já acumular considerável quantidade de estudos e materiais. Conforme observado por Marroni (2007), a Antropologia desenvolveu um importante conhecimento conceitual e metodológico para o estudo das maneiras culturais associadas à saúde.

Nos anos 50 do século XX, surgiu a Antropologia da Saúde como um ramo interdisciplinar entre Antropologia e saúde pública. Inicialmente mais voltada para a prática e os dados empíricos, essa área de estudo evoluiu consideravelmente ao longo das últimas décadas, expandindo tanto quantitativa quanto qualitativamente, resultando em um considerável avanço teórico e prático. Esse campo agora apresenta uma sofisticação substancial em suas abordagens e análises, refletindo um amplo escopo de estudos que exploram a relação entre cultura, sociedade e saúde. Ao longo desse desenvolvimento, a Antropologia Médica tem sido uma importante ferramenta para compreender não apenas as doenças físicas, mas também as questões sociais, culturais e políticas que afetam a saúde das populações ao redor do mundo (Iriart; Caprara, 2011).

Segundo Pereira (2015), a nomenclatura "Antropologia da Saúde" é relativamente recente, uma vez que anteriormente o termo mais comum era "Antropologia Médica". No entanto, os conceitos e estudos eram praticamente os mesmos, com a diferença de que este último enfatiza mais a doença. Pereira (2015, p. 24) ressalta que a "Antropologia Médica explora realidades individuais e sociais como processos sociais, destacando a importância de compreender as narrativas da doença em contextos locais".

É consenso na Antropologia buscar compreender os fenômenos estudados em sua totalidade, integrando cultura, meio social e modo de vida da população observada. Assim, a Antropologia da Saúde reconhece que a saúde e questões relacionadas, como o conhecimento de risco, ideias sobre prevenção, causalidade e tratamento adequado, são fenômenos culturalmente construídos e interpretados (Marroni, 2007). Portanto, essa nova nomenclatura surge devido à limitação das designações anteriores, "Antropologia Médica" e "Antropologia da Doença", que não priorizavam a saúde, deixando-a em segundo plano (Pereira, 2015).

Apesar da assimilação de outros conhecimentos formais ou informais na área da saúde, como medicina, enfermagem, etc., Pereira (2015) destaca que a Antropologia da Saúde é uma área antropológica, e, portanto, apenas a formação em Antropologia é relevante para a pesquisa nesta área. Para Canesqui (2003) a Antropologia da Saúde ganha visibilidade no Brasil, com esforços bem-sucedidos que indicam vitalidade para a nova especialidade. É esperado que, na saúde coletiva, as ciências sociais dialoguem continuamente entre si e com outras disciplinas, ultrapassando fronteiras especializadas.

Encontram-se diversos povos tradicionais no território brasileiro, com diversas etnias, idiomas, costumes, rituais e saberes. A cultura desses povos sempre foi muito forte, e mesmo diante das tentativas de genocídio, catequização e apagamento histórico, esses povos resistem na contemporaneidade. Talvez as formas de resistência tenham se modificado ou se adaptado às ameaças que enfrentam, pois hoje os encontramos em diversas esferas da sociedade, como advogados, pesquisadores universitários, professores e agentes políticos.

Para Langdon e Wiik (2010) cultura pode ser definida como os aspectos mediadores que influenciam e caracterizam toda e qualquer atividade cognitiva ou física, independente de determinações biológicas, que são compartilhados por diversos indivíduos dentro de um contexto social. A cultura engloba uma gama de elementos que vão desde valores e símbolos até normas e práticas, sendo essenciais para a compreensão da diversidade e complexidade das sociedades humanas. É por meio desses elementos culturais que os grupos sociais moldam suas identidades coletivas, estabelecem seus modos de vida e atribuem significados aos seus

comportamentos e relações. Assim, a cultura não apenas influencia, mas também dá forma e sentido às experiências humanas, moldando as formas de pensar, agir e perceber o mundo ao nosso redor.

Quando identificamos a presença de práticas no conceito de cultura, logo nos remetemos às práticas de cura que esta pesquisa se propôs a conhecer entre os estudantes. Embora muitos povos compartilhem dos mesmos saberes, costumes e práticas de cura, a individualidade também pode existir, já que vivem e cultivam em territórios distintos, com climas variados e múltiplas espécies de plantas, por exemplo. É nesse contexto que as sociedades, incluindo os quilombolas, apresentam conhecimentos e práticas particulares, podendo ser qualificados como sistemas de atenção à saúde. Estes sistemas abordam todos os “elementos sociais relacionados à saúde, como conhecimentos sobre doenças, tratamentos, profissionais, papéis sociais e instituições” (Langdon; Wiik, 2010, p. 178).

Entendendo por práticas de cura

Inicialmente é importante destacar que o ato e/ou a prática de cuidar não está somente designado a uma perspectiva biologizante ou médica, mas também como uma prática social, na qual o cuidado coletivo é o centro. Acentua-se que o termo cura, advindo do latim, significa “cuidar”. Muitos sentidos podem ser direcionados para o vocábulo, tornando-o polissêmico, ou seja, “a cura, então, pode ser entendida como cuidado e como resultado desse cuidado, a recuperação da saúde” (Paiva, 2007, p. 100).

Atallah *et al.* (2022) apresenta a prática coletiva como um amor descolonial, onde não somente se luta uns pelos outros contra as opressões coloniais como também uns com os outros. Para o autor, o amor vindo do humano é potencializador de criticidade, podendo transformar feridas e traumas coloniais em possíveis caminhos de cura dos sofrimentos gerados pelas violências. Ou seja, as práticas tradicionais de cura permanecem através das gerações e, embora a medicina moderna tenha construído uma outra lógica de conceber saúde-cura-doença, ambas compartilham princípios, “[...] tais como: o empirismo; rituais específicos; e a intermediação de forças e/ou energias conforme o tipo de prática e o contexto histórico, para a realização das curas” (Gewehr *et al.*, 2017, p. 33).

Compreender e legitimar os conhecimentos tradicionais, bem como a necessidade de questionar sua incorporação a um conhecimento colonizador, é importante para identificarmos processos e estruturas que causam adoecimento. É quando entendemos que marcamos e

tornamos visível a colonialidade, ao mesmo tempo em que honramos o poder de nossa corresponsabilidade (Atallah *et al.*, 2022).

Para melhor visualização dessas práticas de cura desenvolvidas por diversos povos tradicionais no território nacional, cito uma pesquisa realizada junto aos povos indígenas da etnia Yanomami, que estão situados na região do extremo norte do Brasil. Trata-se de uma etnia bastante isolada, pouco influenciada por questões do homem branco. Com base em dados coletados pela antropóloga Nádia Silveira (2004) a cultura Yanomami destaca-se por práticas xamânicas, com o hekura sendo o curador reconhecido. O uso de plantas medicinais é comum, embora não seja considerado conhecimento especializado, distribuindo-se de forma desigual entre os membros da comunidade. Este sistema xamânico informa a concepção de mundo, abrangendo diversos aspectos culturais como organização social, política, religião e medicina.

A importância e destreza da espiritualidade para o povo Yanomami fica evidente ao ler a obra "A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami" (2015), escrita pela colaboração entre o indígena Yanomami, xamã Davi Kopenawa, e o pesquisador Bruce Albert, etnólogo nascido em Marrocos. Com a leitura da obra, podemos mergulhar na cultura desse povo, conhecendo sua origem, terra, antepassados, histórias e seu xapiri. Como bem relata Eduardo Viveiros de Castro (2015) no prefácio, "A Queda do Céu" é um conhecimento científico incontestável, que provavelmente levará alguns anos para ser devidamente assimilado pela comunidade antropológica.

Quanto às comunidades quilombolas existentes e resistentes no Brasil, sabe-se que sua origem está intimamente ligada à época da escravidão (Jorge, 2015). O país foi um grande polo escravista, recebendo milhares de pessoas escravizadas vindas do continente africano, que em sua maioria trabalhavam em fazendas cultivando café, cana-de-açúcar ou algodão, por exemplo. Diante da extrema crueldade dos fazendeiros, com castigos inimagináveis, a fuga era uma das poucas opções viáveis na época. Com a fuga das fazendas, foi necessário desenvolver um sistema secreto de esconderijos, onde pudessem viver tranquilamente, trabalhar, cultivar, cantar, cultivar suas religiões, e assim surgiram os quilombos.

Neste contexto, a população negra que vivia e vive nos quilombos é conhecedora das mais diversas formas de cuidado com a saúde de seu povo, pois desde sempre precisou recorrer a métodos de cura para os males que lhes eram causados. Um dos métodos mais utilizados e usuais está relacionado às plantas medicinais, bastante utilizadas em seu cotidiano para fins terapêuticos. Por meio de um estudo realizado na comunidade quilombola Abacatal, localizada na cidade de Ananindeua, no estado do Pará, foi possível conhecer algumas plantas e ervas

medicinais utilizadas por esse povo quilombola. No estudo foram relatadas 85 plantas com nomes populares, dos quais os usos terapêuticos mais frequentes foram: “Anador (*Justicia pectoralis*), Limão (*Citrus limon*), Alho (*Allium sativum*), Verônica (*Veronica officinalis*) e Boldo (*Plectranthus barbatus*)” (Da Gama *et al.*, 2019, p. 229).

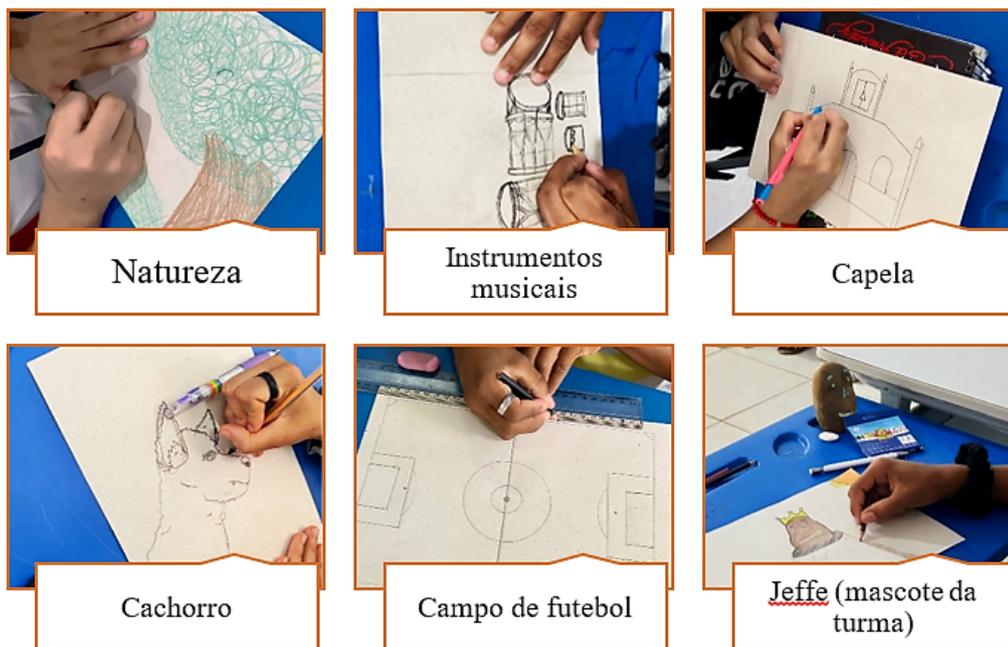
Além do uso dessas plantas em chás ingeridos, os autores destacam a utilização e importância da aplicação em rituais religiosos, comuns entre os povos tradicionais. A presença de práticas religiosas é notável no uso dessas plantas. Essas atividades são reconhecidas como benzimento, combinando elementos da religião e da natureza, criando uma união entre corpo, ambiente e espiritualidade. Essas práticas, consideradas manifestações tradicionais, são vistas como expressões de resistência cultural (Da Gama *et al.*, 2019).

Jovens quilombolas e seus relatos através das oficinas e questionários

Há diversas formas de expressar-se, sobre sentimentos alegres e até sobre temas sensíveis, por meio de músicas, danças, fotografias, poemas e desenhos. O intuito de aplicar uma oficina de desenhos e desenvolver uma roda de conversa em forma de entrevista semiestruturada em grupo, foi de conversar com os jovens sobre saúde e a convivência na comunidade. O propósito era que eles e elas expressassem no papel aquilo que lhes poderia faltar em palavras, ou até mesmo de demonstrar o quão era importante viver naquele território, com impacto direto em seu bem-estar (Silva, 2010).

Então a pergunta norteadora era: em sua comunidade existe um lugar que faz você sentir-se bem, ficar cem por cento, com as energias renovadas e que te faz esquecer certos problemas ou medos? E poderia ser qualquer coisa, entre objetos, lugares, eventos, pessoas ou animais. E assim muitos desenhos foram surgindo, coloridos ou pretos no branco, com linhas retas ou nem tanto assim, com familiares ou animais de estimação. A seguir apresentamos alguns desses desenhos.

Figura 4 – Desenhos desenvolvidos pelos estudantes nas oficinas



Fonte: arquivo pessoal dos autores, 2023

Explicando brevemente os desenhos da figura 4, vemos alguns elementos que estão presentes na comunidade e que são frequentados pelos estudantes, como a capela, os campos de futebol e a natureza como um todo. Esses são locais apontados como favoritos quando se trata de se divertir, acalmar-se e conversar. Outros elementos observados, como os instrumentos e animais de estimação também retratam esse meio de refúgio e diversão.

Ao mesmo tempo que os relatos foram se desenvolvendo, outros assuntos foram surgindo e novas perguntas desenrolando-se em meio às conversas. As questões identitárias e de pertencimento são essenciais para compreender o grau de envolvimento desses jovens com a sua causa, com a sua comunidade, com o seu povo quilombola. Dessa forma, quando se questiona sobre como é ser quilombola, e o que isso significa para eles e elas, surge a seguinte resposta:

Ser quilombola acho que é reconhecer a sua história, reconhecer o lugar onde você vive, a cultura. É saber que seu povo lutou para ter o que tem hoje, que é uma casa para morar, uma família, vida, para ter o que comer, e é isso. E é também luta né, para que seus direitos sejam melhores, não é? Já que não são todos os direitos que seguem para nós também (jovens quilombolas, 2023).

Além disso, por serem jovens e cheios de energia, em fase de sair para a rua e ficar com seus amigos, perguntou-se o que eles e elas gostavam de fazer em seu território, quais atividades eram desenvolvidas e praticadas. E as respostas foram:

Cara, jogar bola, pô; tocar o tambor; aqui tem várias coisas para fazer. Tipo, ao mesmo tempo você pode estar aqui estudando e fazer outra coisa. Vamos supor que você estuda de tarde, se você quiser ganhar um dinheiro, você pode trabalhar na banana; também tem os domingos que toda vez aqui tem grupo jovem, né? Os jovens se reúnem, faz brincadeira, conversa sobre temas importantes da vida, da sociedade, e é porque quer, porque é livre sim, você não é preso como na cidade. Aqui você pode fazer o que quiser... você pode sair, se divertir, andar, relaxar, se quiser ficar no canto, só sair para o meio do mato (compilado de respostas, jovens quilombolas, 2023).

Os relatos indicam que esses jovens experimentam uma relação singular com seu território, caracterizada por uma sensação de segurança e liberdade que contrasta com os contextos de violência frequentemente associados aos centros urbanos. Nesse sentido, destaca-se a relevância dos territórios quilombolas enquanto espaços de proteção e acolhimento, onde as interações coletivas e as brincadeiras desempenham um papel fundamental na construção dos vínculos entre os moradores e o território. Como destaca Perez (2020, p. 11) “apesar da pobreza e da escassez de políticas públicas nos territórios quilombolas, não há a violência presente nas favelas e periferias das áreas urbanas”, dessa forma tornando-se seguro. Ainda para Beatriz Nascimento (2018):

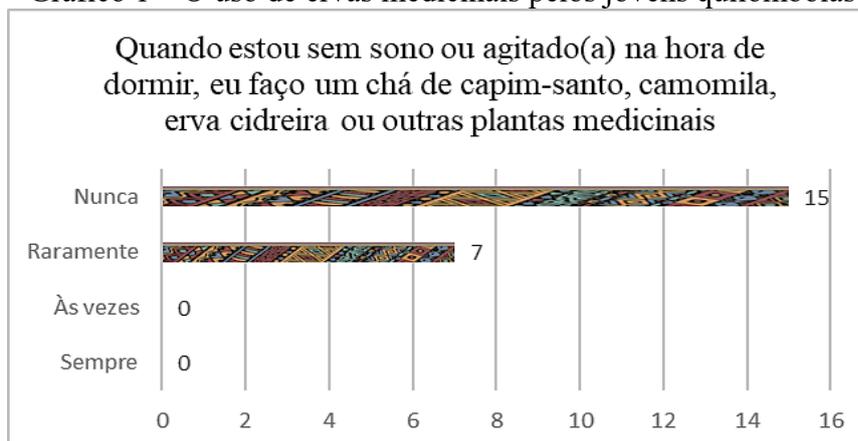
O quilombo é um avanço, é produzir ou reproduzir um momento de paz. Quilombo é um guerreiro quando precisa ser guerreiro. E também é o recuo se a luta não é necessária. É uma sapiência, uma sabedoria. A continuidade de vida, o ato de criar um momento feliz, mesmo quando o inimigo é poderoso, e mesmo quando ele quer matar você. A resistência. Uma possibilidade nos dias da destruição (Nascimento, p. 7, 2018).

Como já explorado, sabe-se que os povos tradicionais mantêm uma relação muito forte com a natureza, pois “conhecer o meio ambiente era fundamental para o sucesso das fugas, já que a natureza se tornava cúmplice natural” (Funes, 2009, p. 150). E para além disso, utilizam de maneira consciente os recursos que ela oferece, como as ervas medicinais, por exemplo. E este foi um ponto destacado, o consumo de chá feito a partir de plantas, como o capim-santo, a camomila, a erva-cidreira ou hortelã e outros.

Com isso, dentre os 27 questionários aplicados, 23 deles são de jovens que se autodeclararam quilombolas. É importante salientar que os jovens quilombolas são de fato bem jovens, que ainda frequentam o ensino fundamental. Além disso, nenhuma pergunta era obrigatória, embora fosse ressaltada a importância da resposta para a pesquisa.

Dito isto, quando questionados sobre o uso de ervas medicinais na forma de chás, percebe-se que a maioria diz nunca ter usado este recurso em momentos de agitação ou falta de sono, representando 68,17%, como destacado no Gráfico 1. Já os outros 31,81% disseram que raramente consomem chás nestes momentos.

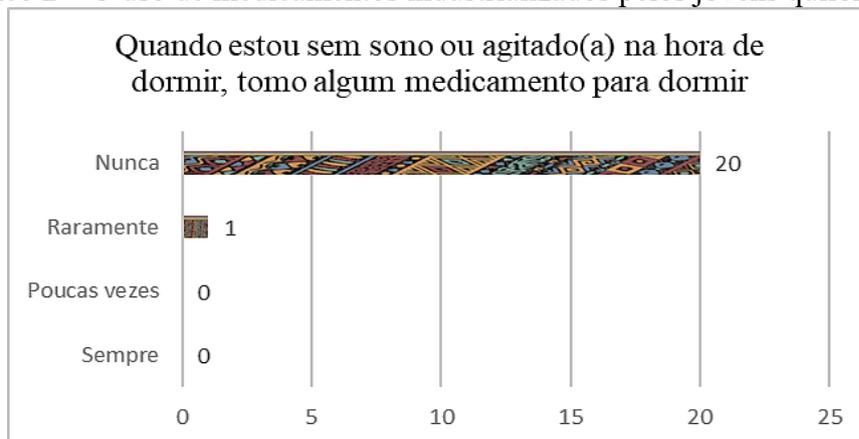
Gráfico 1 – O uso de ervas medicinais pelos jovens quilombolas



Fonte: elaboração própria, 2024

Como observado anteriormente, esses jovens não consomem muito chá para acalmar-se na hora de dormir, caso seja preciso. Mas e outros recursos, como remédios ansiolíticos ou hipnóticos, será que usam? De acordo com o Gráfico 2, a resposta é não para a maioria deles, tendo em vista que 95,24% afirmam nunca ter usado qualquer tipo de medicamento para esse fim. Este resultado é amparado por outros estudos, destacando Leite *et al.* (2022, p. 1708) afirmando que “as prevalências de uso de medicamentos prescritos e não prescritos, para adolescentes quilombolas, foram menores em comparação com outros estudos também realizados com adolescentes”.

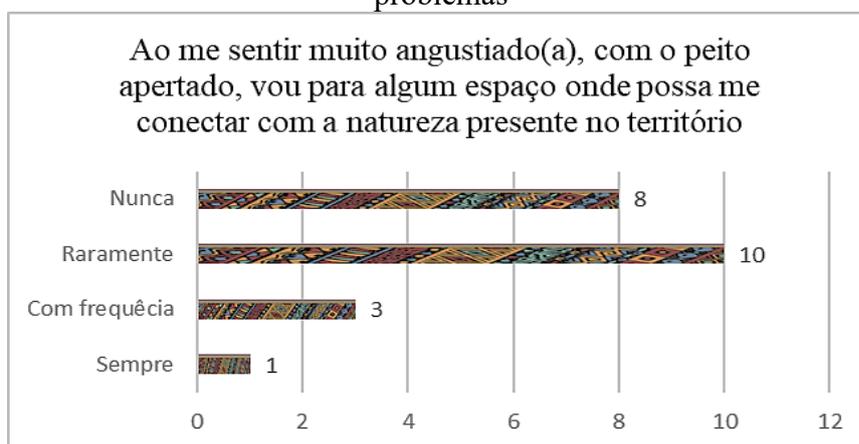
Gráfico 2 – O uso de medicamentos industrializados pelos jovens quilombolas



Fonte: elaboração própria, 2024

A natureza desempenha um papel significativo para as comunidades quilombolas. Na Serra do Evaristo, por exemplo, observa-se uma paisagem composta por árvores, plantas, animais e serras, elementos que contribuem para a identidade local. Portanto, a pertinência do tema no questionário, demonstrando que apenas 36,36% dos jovens afirmaram nunca ter procurado um espaço no território que os conecta à natureza em momentos de angústia, como demonstrado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Quando tudo parece estar dando errado ou quando estou enfrentando muitos problemas



Fonte: elaboração própria, 2024

A espiritualidade e a ancestralidade no que tange às práticas de cura desenvolvidas por curandeiros e rezadeiras também foi abordada entre os jovens quilombolas. Podemos observar no Gráfico 4 que 9,09% assinalaram que sempre que precisam buscam o auxílio dessas pessoas para curar seus enfermos ou resolver seus problemas. 27,27% afirmaram que raramente utilizam

dessa forma de cura, e o restante, cerca de 63,63%, relatam que nunca procuram mesmo em situações difíceis.

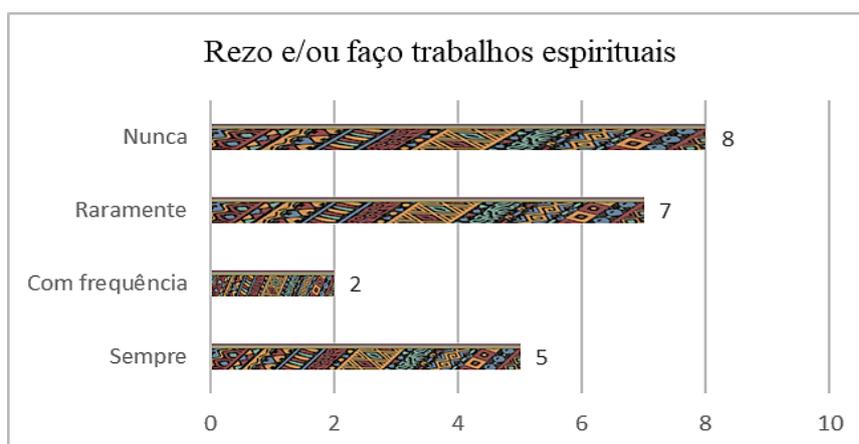
Gráfico 4 – Quando tudo parece estar dando errado ou quando estou enfrentando muitos problemas



Fonte: elaboração própria, 2024

A religião e a fé entre os jovens parecem estar bem fortalecidas, pois quando foi questionado se eles rezam ou fazem algum tipo de trabalho espiritual em momentos difíceis de sua vida, 22,73% disseram que sempre fazem, 9,09% fazem com uma certa frequência, 31,81% raramente o fazem e 36,36% nunca realizam tais rituais, como observado no Gráfico 5.

Gráfico 5. Quando tudo parece estar dando errado ou quando estou enfrentando muitos problemas



Fonte: elaboração própria, 2024

Considerações finais

O presente estudo sobre as práticas de cura adotadas pelos jovens quilombolas da comunidade Serra do Evaristo revelou uma realidade rica em saberes tradicionais, conexões com a ancestralidade e uma profunda relação com o território e a natureza ao seu redor. Através de uma abordagem qualitativa, pautada na observação participante, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionários, foi possível compreender de forma detalhada como esses jovens lidam com questões de saúde, bem-estar e espiritualidade em seu cotidiano.

Os desenhos produzidos durante a oficina revelaram lugares e elementos da comunidade que são significativos para os jovens, como a capela, os campos de futebol e a natureza em geral. Esses espaços são não apenas locais de diversão e relaxamento, mas também pontos de conexão com a história e a cultura quilombola. Através dessas expressões artísticas, foi possível perceber a importância desses espaços na vida dos jovens, como fontes de renovação de energias e alívio de preocupações.

Nas conversas e entrevistas realizadas, os jovens quilombolas expressaram um profundo senso de pertencimento à sua comunidade e à sua história. Ser quilombola para eles significa reconhecer a luta de seu povo por direitos básicos, como moradia, alimentação e educação. Além disso, eles destacaram as atividades que realizam em seu território, como jogar bola, tocar instrumentos musicais, participar de grupos jovens e trabalhar no cultivo de bananas. Essas atividades não apenas proporcionam diversão, mas também fortalecem os laços com a comunidade e a cultura quilombola.

Quanto ao uso de recursos medicinais, os jovens demonstraram um conhecimento e uma prática significativa do uso de chás feitos a partir de plantas medicinais, como o capim-santo, a camomila e a hortelã. No entanto, a busca por cura junto a curandeiros e rezadeiras foi menos comum, indicando uma preferência por recursos naturais e práticas espirituais mais íntimas.

É importante ressaltar que a religiosidade e a fé são frequentemente mencionadas pelos jovens como fontes de apoio em momentos de dificuldade, por meio de práticas como orações e rituais. Essas ações são descritas como formas de conforto emocional e de fortalecimento das conexões com suas crenças e tradições.

Em suma, este estudo proporcionou uma visão detalhada das práticas de cura e das estratégias de enfrentamento adotadas pelos jovens quilombolas da comunidade Serra do Evaristo. As evidências coletadas destacam a importância dos saberes tradicionais, da relação com a natureza e da espiritualidade como elementos fundamentais para o bem-estar e a saúde

desses jovens. Espera-se que os resultados deste estudo possam contribuir para o reconhecimento e valorização desses saberes ancestrais, assim como para o desenvolvimento de políticas públicas mais inclusivas e sensíveis às necessidades das comunidades quilombolas. Que a voz desses jovens continue a ser ouvida e respeitada, fortalecendo assim a rica diversidade cultural e histórica do povo quilombola brasileiro.

Agradecimentos

A Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap, pelo financiamento através do edital BPI 04/2022, bolsa de produtividade em pesquisa, estímulo à interiorização e inovação tecnológica. A comunidade quilombola Serra do Evaristo, sobretudo a gestão da escola Osório Julião pelo acolhimento e parceria. A Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistências – ReaPODERE.

Referências

- Atallah, D. G., Dutta, U., Hana, M. R., Bernal, I., Robinson, R., Del Rio, M., Voyard, C., Al-Ajarma, Y., Antilef, I., Azad, A.K., Bivens, D., Darwish, A., Painemal, C.C., Hakim, C., Hussain, K.S., Jones, D., Marrero, W., Mervin, A., Mitchell, S. S., Mullah, M., Musleh, A., Lizama, E.P., Rosa, M., Tang Yan, C., & Jara, G. C. T. (2022). Transnational Research Collectives as “Constellations of Co-Resistance”: Counterstorytelling, Interweaving Struggles, and Decolonial Love. **Qualitative Inquiry**, 01-13.
- BATISTA, B. et al. Técnicas de recolha de dados em investigação: Inquirir por questionário e/ou inquirir por entrevista. **Reflexões em torno de Metodologias de Investigação: recolha de dados**, v. 2, p. 13-36, 2021.
- BATISTA, Eraldo Carlos; DE MATOS, Luís Alberto Lourenço; NASCIMENTO, Alessandra Bertasi. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 23-38, 2017.
- BELEI, Renata Aparecida et al. O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, n. 30, 2008.
- BRAGA, Elza Maria Franco (org.). Olhares sobre a comunidade quilombola Serra do Evaristo: trajetórias, descobertas e construções identitárias. Fortaleza: **Expressão Gráfica e Editora**, 2021. 128 p.
- BRASIL, M. S. Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. **Sobre Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa envolvendo seres humanos**, 2012.
- CANESQUI, Ana Maria. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 8, p. 109-124, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000100009>.
- CNE/CEB, Parecer. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, 2012. Disponível em: https://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes_curric_educ_quilombola.pdf
- CORREIA, Divanise Suruagy et al. Saúde Mental de Crianças e Adolescentes Quilombolas de Alagoas. **Revista Portal: Saúde e Sociedade**, v. 6, n. Fluxo contínuo, p. e02106043-e02106043, 2021. <https://doi.org/10.28998/rpss.e02106043>.
- DA GAMA, Paule Almeida et al. Práticas de cuidado e cura no quilombo Abacatal. **Mundo Amazônico**, v. 10, n. 1, p. 225-242, 2019. <https://doi.org/10.15446/ma.v10n1.66610>.
- DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: **Rocco**, 1987.
- DA SILVEIRA KROEF, Renata Fischer; GAVILLON, Póti Quartiero; RAMM, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>.
- DOS SANTOS, Luiz Carlos. **A TÉCNICA DO QUESTIONÁRIO: conceituação, características, vantagens e limitações**. 2021.

- FUNES, Eurípedes A. Mocambos: natureza, cultura e memória. **História Unisinos**, v. 13, n. 2, p. 146-153, 2009.
- GEWEHR, R. B., Baêta, J., Gomes, E., & Tavares, R. (2017). Sobre as práticas tradicionais de cura: subjetividade e objetivação nas propostas terapêuticas contemporâneas. **Psicologia USP**, 28, 33-43.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. **Editora Atlas SA**, 2008.
- GOOGLE EARTH. **Comunidade Quilombola Serra do Evaristo**. 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/oBO58>. Acesso em: 29 fev. 2024.
- GUAZI, Taísa Scarpin. Diretrizes para o uso de entrevistas semiestruturadas em investigações científicas. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, v. 2, 2021. <https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v2i0.7131>.
- IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CAPRARA, Andrea. Novos objetos e novos desafios para a antropologia da saúde na contemporaneidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 21, p. 1253-1268, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000400005>.
- JORGE, Amanda Lacerda. O movimento social quilombola: considerações sobre sua origem e trajetória. **Revista Vértices**, v. 17, n. 3, p. 139-151, 2015. <https://doi.org/10.19180/1809-2667.v17n315-08>.
- KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. **Companhia das Letras**, 2015.
- LANGDON, Esther Jean; WIIK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 18, p. 459-466, 2010.
- LAPLANTINE, François. Aprender antropologia. São Paulo: **Brasiliense**, 2003.
- LEITE, Beo Oliveira et al. Uso de medicamentos entre adolescentes rurais quilombolas e não quilombolas no interior da Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 1073-1086, 2022.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia Científica. 5. ed. São Paulo: **Atlas**, 2010. 312 p.
- MARRONI, Denize. A importância da antropologia na saúde. **Saúde Coletiva**, v. 1, n. 1, p. 103, 2007.
- MÓNICO, Lisete et al. A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. **CIAIQ 2017**, v. 3, 2017.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual**: possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- ODWYER, Eliane Cantarino. Terras de quilombo no Brasil: direitos territoriais em construção. **Territórios quilombolas e conflitos**, v. 69, p. 42, 2010.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer Pesquisa Qualitativa. 3. ed. Petrópolis: **Vozes**, 2008.
- PAIVA, G. J. D. (2007). Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 24, 99-104.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, v. 20, p. 377-391, 2014. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>.

PEREIRA, Pedro. **Antropologia da Saúde**: um lugar para as abordagens antropológicas à doença e à saúde. 2015. <https://doi.org/10.17561/rae.v0i15.2294>.

PEREZ, Beatriz Corsino. Entre cercas, brincadeiras e feitiços: Os conflitos e as apropriações do território por crianças e jovens quilombolas. **Childhood & philosophy**, <https://doi.org/10.12957/childphilo.2020.48351>.

REIS, Alice Martins dos. Impacto da educação quilombola da comunidade do Evaristo na comunidade do Jordão: **As relações étnico-raciais, estigmas e preconceito**. 2018.

RODRIGUES, Auro de Jesus. Metodologia Científica. São Paulo: **Avercamp**, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos; PEREIRA, Santídio. **A terra dá, a terra quer**. Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos, Modos e Significados. **INCT/UNB**, Brasília, 2015.

SILVA, Josianne Maria Mattos da. O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas. **Fractal: revista de psicologia**, v. 22, p. 447-456, 2010.

SILVEIRA, Nádia Heusi. **O conceito de atenção diferenciada e sua aplicação entre os Yanomami**. P. 88-102, 2004.

SIQUEIRA, Euler David. Antropologia: uma introdução. **Ministério da Educação**. Secretaria de Educação à Distância. Departamento de Políticas em Educação a Distância–DPEAD. Sistema Universidade Aberta do Brasil, 2007.

Recebido em 25/04/2024 | Aceito em 29/11/2024



Esta obra está licenciada
conforme Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional